

A MENSAGEM DA BÍBLIA HOJE

Prof. Dr. Frei Leonardo Boff, O.F.M. do Instituto Filosófico-Teológico de Petrópolis, RJ, do Editorial Religioso da Editora Vozes.

Falar sobre a mensagem da Bíblia hoje é falar da atualidade da mensagem bíblica. Ao se exprimir a atualidade da mensagem bíblica, certamente não se coloca sua atualidade nas formas linguísticas e culturais nas quais ela vem articulada. A atualidade não reside no hebraico e no grego-koiné que são, na verdade, línguas não mais faladas e por isso não mais atuais. Nem assenta a atualidade da Bíblia na cosmovisão pré-científica, mítica e efetivamente primitiva em que vem revestida a mensagem. A mensagem bíblica não reside no nível linguístico como quando se diz que Deus fez o mundo em sete dias, que Deus se encheu de cólera, de satisfação, de arre-

pendimento e que Deus fala, assobia (Is 5, 26; 7, 18) e descansa (Ex 31, 17). No sentido de um livro antigo que contém gêneros literários não mais atuais para nós, que se exprime numa linguagem em desuso, a Bíblia não possui grande atualidade. É um livro difícil e cheio de descaminhos: (a língua é arcaica; as figuras, as metáforas e a maneira de contar a história tornam-se muitas vezes incompreensíveis ao leitor comum). Para se penetrar na compreensão do texto, necessita-se de estudos especializados de línguas orientais antigas; faz-se mister conhecer as estruturas sociais e jurídicas do mundo antigo; urge se apropriar de vastos conhecimentos históricos da cul-

tura hebraica e das civilizações vizinhas. Por isso, a Bíblia como livro é objeto de acurados estudos filológicos, históricos e críticos. A poucos é dado o tempo, a pesquisa e o instrumentário para se familiarizar com a leitura científica da Bíblia. Nesse nível a Bíblia não é atual.

Mas em tudo isso não está a mensagem da Bíblia, que é de extrema atualidade. A mensagem se situa num outro nível. Localiza-se num nível que todos podem captar, mesmo aqueles que nada conhecem de hebraico, pouco sabem da história antiga e nunca ouviram falar em gêneros literários bíblicos como o midraze ou o maxal. Tanto o homem do mito quanto o cientista da formalização científica, tanto minha mãe que é analfabeta e que frente ao Mobral reafirma sua liberdade de permanecer analfabeta, quanto seu filho teólogo podem ter acesso à mensagem da Bíblia. Por isso ela é atual. Possui uma permanente atualidade. Uma atualidade que nunca envelhece. Quicá, nunca percebemos tanto sua novidade quanto hoje. Porque ela se tornou mais urgente do que nunca. A mensagem da Bíblia nos afeta hoje imediatamente a fala para a dimensão mais profunda do homem; ela nomeia o mistério inefável de nossa existência. **Essa mensagem se revela a partir do momento em que o homem se situa no horizonte da fé.** A fé faz cair o véu que cobre o texto da Escritura; (a fé torna os textos de difíceis em transparentes); a fé nos permite olhar para além da língua e auscultar a linguagem de Deus.

1. A mensagem da Bíblia é a mensagem da fé. A mensagem da fé é a mensagem de Deus.

Que quer dizer fé que nos torna mensagem da Bíblia assim tão atual. Para alguns ter fé significa crer na Bíblia assim como ela está escrita. Então fé significa crer que Deus, realmente criou o mundo em sete dias; signific que Deus, de fato, encheu suas nariza de ira, assobia e é portador de parte humanas como face (Gen 32, 31; Deu 31, 19; Is 18, 17), olhos (Deut 11, 12; 1 Rs 8, 29), boca (Num 12, 8; Is 1, 20), orelhas (2 Rs 19, 16; Is 59, 1) naris (E 4, 14; 15, 8) e outros membros com mãos, braços, pés, coração (Gen 6, 6; 8, 21) e alma (Lv 26, 11.30; 1 Rs 10, 16). Evidentemente a fé não se inscreve nestes níveis, pois seria crer então em formulações humanas. Para outros fé significa aceitar dogmas e doutrinas sobre Deus, Jesus Cristo, o homem, sobre sua salvação ou sua perdição. Mas será que os dogmas e as doutrinas não são ante expressões da fé do que a própria fé. Os dogmas e as doutrinas vem expresso numa linguagem humana, dentro de um determinado gênero literário e situado dentro de um contexto histórico sempre definido, onde as palavras ganham um significado compreensível pelos homens que as pronunciam e as ouvem. Crer seria então crer num elemento cultural. Seria, por conseguinte, colocar a mensagem atual de fé, como a mensagem atual da Bíblia, no nível da língua, da história, da filologia. E como a Bíblia é um livro antigo, escrito num universo de compreensão muito diverso do nosso

significaria que a fé seria acessível somente aos estudiosos. Mas dizíamos que a fé afeta e atinge todos os homens, ontem, hoje e sempre. Por isso sua atualidade é permanente. Que é fé, afinal? Quando surge?

A dimensão da fé emerge quando o homem no seu esforço e no seu afã de dominar, subjugar, domesticar, falar, articular, conhecer, exprimir a vida, se dá conta de sua limitação e de sua impotência. Essa limitação e impotência, se experimenta hoje, no máximo vigor de nossa ciência. O símbolo de nossa impotência é constituída pela técnica poderosíssima: que foi a lua, que desvendou o segredo da matéria, que penetrou nas estruturas de comportamento de nosso cérebro, que mergulhou nas profundezas de nosso inconsciente pessoal e coletivo. Hoje acumulamos um progresso científico e técnico de tal proporções que num ano equivale a 10.000 anos de história. Um professor de alto gabarito só pode assimilar 1/600 de saber elaborado num ano. Somos pois potentíssimos no saber. E, não obstante o nosso saber, nos damos conta hoje, mais do que nunca, da imensidão daquilo que não sabemos. Que nossa sabedoria nem é uma docta ignorância, mas uma indocta ignorância. Quanto mais as ciências se fazem radicais e levam a pesquisa até às raízes de suas possibilidades, mais tomam consciência do mistério que envolve a vida e toda a realidade. O mistério não diminui com o aumento do conhecimento. Antes pelo contrário. Quanto mais conhecemos, mais se abre o horizonte do conhecimento. Mais misteriosa se torna

a vida, particularmente o homem. Não é sem razão ter sido nesse século de ciência e de se ter consciência da estrutura antropológica de todas as ciências que se escreveu o livro O homem, esse desconhecido. Não apenas o homem é um grande desconhecido-conhecido. Mas todas as coisas. Um estudioso americano publicou um livro muito sério sobre O porco, esse desconhecido. O homem está envolto dentro de um mistério, o mistério da vida.

O mistério se anuncia de forma mais gritante ainda quando o homem, no pensamento radical, se pergunta pelo vigor de poder perguntar, saber, dominar e falar. A partir donde a técnica ganha a sua força de conquista? Quem a empurra a sempre conhecer mais e mais e nisso ela jamais se cansa? Que faz a língua falar? O olho vê todas as coisas, mas quem vê o olho? A luz ilumina todos os seres, revela-nos, mas à luz de quê posso ver a luz? Se eu defino esse vigor, se chamo esse algo de vigor, já o envolvi nas tramas de minha própria língua. Mas não expliquei porque a língua fala, a inteligência conhece e a vontade de poder subjuga e domina o mundo.

Estamos pois dentro do mistério que está aquém e além de todo o conhecimento. Conhecer e dominar é uma tentativa de agarrá-lo, enquadrá-lo dentro de coordenadas e de articulá-lo. Mas ele sempre escapa.

O homem se encontra diante do Impossível de si mesmo. É o mistério. Mistério que não significa simplesmente aquilo que escapa à razão, mas que tal-

vez, um dia, no futuro, vai ser conhecido pela razão. Não. O mistério se anuncia previamente à razão. Ele funda a razão. Ele faz que a razão seja razão e pergunte pelo fundamento da razão. Estamos, pois, sempre dentro de um Inefável e do Mistério. Para ele nunca vamos. Dele nunca saímos. Encontramo-nos permanentemente dentro dele.

Ora sentir essa dimensão, em qualquer nível, ao nível da linguagem mítica, vulgar, científica, artística, ou religiosa, é abrir-se para o espaço daquilo que chamamos fé. Fé é colher essa impotência humana. Jovialmente como quem está à mercê do mistério e como enviado do mistério. Sentir o impossível, experimentar os limites, mas não se rebelar contra essa verdadeira condition humaine: isso é fé. Mesmo aquele que rejeita e se insurge, se insurge e rejeita, no vigor deste mesmo mistério. Porque nada está fora dele. O impossível recalçado, gera a tragédia. Sua aceitação, a jovialidade. Na jovialidade podem acontecer dramas. Mas nunca serão tragédia, porque tanto o bem como o mal, acontecerá dentro do mesmo mistério inefável que tudo penetra e circunda. É no seu amor que acontecem.

Essa fé, como transpareceu na exposição até aqui, aparece em todas as dimensões humanas. Nas ciências, nas artes, nas técnicas, na literatura, etc. Elas lutam na mesma ansia, porque todas se defrontam com o Impossível. A religião e a teologia tematizam essa dimensão profunda e radical. A fé não é exclusiva delas. Elas apenas tentam ar-

ticular a fé de forma mais explícita e procuram criar-lhe uma linguagem que seja adequada ao mistério, isto é, que deixe o mistério ficar mistério. Isso, no fundo, é constatar que toda linguagem é inadequada.

Se hoje as ciências, na sua compreensão hermenêutica, estão em crise, se a psicologia é contestada na sua pretensão terapêutica, se a sociologia é criticada nas suas análises e modelos de alternativas que apresenta, talvez seja porque não deixam lugar ao mistério. Tentam enquadrar tudo e acabam se enquadrando a si e o homem. Não se dão conta de sua limitação dentro da máxima intensidade de seu trabalho. Não deixam a liberdade do mistério do homem acontecer, nem a surpresa nem a jovialidade.

A Bíblia chama a esse mistério, percebido no espaço da fé, de Deus. Ela só fala dessa inefável realidade. Fala de Deus, da história dos homens enquanto se religa a Deus, do mundo enquanto vem de Deus e enquanto vai a Ele. Fala de tudo, da vida e da morte, do juízo e da graça, do sim e do não enquanto se relacionam com o mistério divino.

Aqui reside a atualidade da mensagem bíblica: falar de Deus, chamar o Inefável por mil nomes diferentes, recordar que Ele é a realidade fora da qual nada existe, nem mesmo o inferno, realidade que existiu ontem, existe hoje, existirá amanhã e que se revela através de cada uma e por todas as coisas. Tudo está dentro dele. Por isso tudo evoca, provoca e convoca Deus.

A forma como ela faz, é antiga. Mas a mensagem que está para além ou para aquém da forma, é sempre atual. Aquilo de que fala e testemunha a Bíblia, nós também falamos e testemunhamos, dentro de outra língua e dentro de outro mundo. Há pois uma identidade entre a mensagem da Bíblia e nossa fé, na diferença de tempo e de formas de comunicação. Com símbolos diferentes professamos e cremos a mesma inefável realidade: o mistério de Deus. Daí, a rigor, não precisamos de uma ponte entre a mensagem da Bíblia e a mensagem da nossa fé, entre o ontem e o hoje, porque não há rio nem vale. O mesmo Deus que era vivido e testemunhado lá, é vivido e testemunhado no horizonte da nossa fé. Vivemos da mesma identidade na diferença de língua. É a mesma Linguagem de Deus que ouvimos na diversidade das línguas humanas. É a mesma Palavra divina que se faz ouvir na multiplicidade das palavras humanas.

2. O livro da Bíblia como testemunho da fé e da Palavra de Deus.

Que é então o livro da Bíblia? A Bíblia é o testemunho escrito da fé de todo um povo, de judeus e de cristãos, que descobriram Deus em todas as situações da vida: na natureza, na história, na paz e na guerra, no culto e na profanidade, na pátria e no exílio, no castigo e na misericórdia. Experimentaram Deus, não como um pedaço do mundo, uma estátua, uma força cósmica ou qualquer outro ídolo. Mas como mistério que tudo enche e penetra. Como diz o salmista: "Vós me cercais por trás

e pela frente... para onde irei para escapar de Vós? para onde fugirei para esconder-me de vossa face? Se subir até os céus, lá vós estais! Se descer até os infernos, lá vos encontrarei novamente" (Sl 138, 7-8). O Dêutero-Isaias se confronta com a pergunta: "A quem poderemos comparar Deus, e que imagem podemos fazer dele? Consulta os astros, os poderosos das nações, a habilidade humana, compara-o com tudo o que há de grande, de sábio, de excelso e de profundo. E conclui: "tudo é nada diante dele; as nações são como uma gota de água num balde, um grão de areia na balança; as ilhas não pesam mais que pó" (Is 40, 17. 15). "Ninguém pode sondar sua sabedoria" (40, 28).

Por isso a posição do homem diante de Deus é de quem cala e guarda silêncio. Tudo o que ele falar é vaidade e vontade de poder, ânsia de enquadrar Deus dentro de esquemas. Diante de Deus devemos dizer: Calemo-nos. Silenciemos. Estamos no Inefável. Contudo, como não somos pedras, falamos sobre Deus a partir de Deus. Mas nossa fala deverá ser articulada de tal forma que leve ao Silêncio de Deus. Ela deve deixar transparecer Deus. Então nossa língua se faz instrumento da Linguagem divina; nossas palavras humanas, veículo da Palavra divina. Quem está na atitude de silêncio, está na escuta e na ausculta da mensagem que vem do Mistério. Tudo o que vem, é em-via-do do Mistério. Tudo que existe é via para o Mistério e reconduz o homem à via-gem do Mistério. Tudo o que o homem diz, é já uma resposta dada à uma pro-posta prévia. Im-

porta captar a pro-posta e dar uma resposta com responsabilidade. Daí é que a atitude fundamental do homem é ser ouvinte da Palavra de Deus. Só ouve, quem escuta em silêncio. A partir do ouvir, pode falar, balbuciando o Inefável.

A Bíblia é a res-posta que os homens deram à pro-posta de Deus, captada em todas as situações da vida e da história pessoal e coletiva. A Bíblia é composta de palavras humanas que contém a Palavra divina; ela é uma língua humana que contém a Linguagem de Deus. As palavras da Bíblia são reação à ação de Deus.

A Bíblia, pois, nasceu da fé. Exprime a fé. Se exprime a fé e nasceu da fé, só pode ser entendida, se for lida na fé. É na fé que ela ganha permanente atualidade, porque ela deixa falar Deus e nos con-voca a ouvir Deus.

A Bíblia não é só testemunho da fé judaica num Deus transcendente, onipresente, onisciente, infinito e amor. Ela testemunha também a fé cristã. Esta professa: O Inefável e o Mistério não ficou di-fuso e con-fuso com todas as coisas. Ele, na plenitude dos tempos (Gál 4, 4), se aproximou dentro do Mistério humano e se chamou Jesus Cristo, vivo, morto e ressuscitado. Com isso se mostrou a profundidade do mistério de Deus e do homem: Deus não está longe de nós; ele tem uma face humana; ele chora; ele sofre; ele tem saudades; ele morre; ele ressuscita. Em outras palavras: o homem mesmo é um mistério que

se perde para dentro do mistério de Deus. E Deus mesmo é tão profundo que se estende para dentro do mistério do homem. O NT testemunha o emergir de Deus dentro da carne quente e mortal do homem. Por isso, a fé cristã, está sempre ligada a um "in illo tempore". Um dia explodiu e implodiu dentro da história o homem novo, o homem totalmente realizado em Deus, unido a Ele e formando uma história divino-humano. Em alguém a criação já atingiu sua meta. Em alguém Deus é tudo em todas as coisas (I Cor 15, 28): Jesus Cristo.

3. Nascida da fé, a Bíblia quer levar à fé.

Meditando-se a Bíblia não entramos em contato com histórias interessantes do passado, com a sabedoria oriental, com a contestação profética, mas com a vinculação que tudo possui com Deus. Deus é o grande tema, do Gênesis ao Apocalipse; Deus como criador, como salvador, como crise de todos os profetas humanos, como sentido radical da vida e como o nosso insondável futuro. É nisso que a Bíblia é atual. E se bem repararmos, a Bíblia não nos pede para pararmos com ela; pede-nos que descubramos o mesmo Deus dentro de nossa vida. Descubrimos Deus na vida, tentando fazer o que os autores sagrados fizeram: olharam com os olhos de fé tudo o que acontece; olharam em profundidade; não se contentaram interpretar os fenômenos meramente sob um ângulo político, econômico, ideológico, artístico. Tudo isso é legítimo e também verdadeiro. Mas

não é a ótica da fé. A fé olha o mundo radicalmente, enquanto ele se abre para o mistério, vive no mistério e é suportado pelo mistério. Isso significa que nós hoje, como pedia o Concílio Vaticano II, devemos "nos esforçar por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participamos com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos designios de Deus" (Gaudium et Spes 11/232).

A Bíblia não exaure Deus. Não esgota a Palavra de Deus. Ela a testemunha de forma privilegiada e exemplar. Por isso que ela é canônica, isto é, normativa para nós. Nela encontramos exemplificado de forma extremamente feliz como homens no seu **hoje** de outrora, ouviram Deus, responderam de maneira responsável à sua proposta e a testemunharam por escrito. O que eles fizeram, devemos nós fazer para o nosso **hoje** e **agora** da fé. Ex-pirada da fé, a Bíblia ins-pira fé. "Ela funciona como um despertador. Descrevendo como a Palavra de Deus está presente no mundo e como ela ilumina e transforma a vida dos homens, a Bíblia desperta e nos faz atentos à presença da palavra de Deus, atuante e viva na nossa vida de cada dia. A Palavra escrita é o fio condutor que traz a luz e a força para acender a lâmpada apagada da nossa existência hoje. Em vez de alienar-nos num passado que já se foi e que não volta mais, a Bíblia tem por finalidade abrir os nossos olhos para a realidade que estamos vivendo em vista de sua transformação. Uma exegese meramente historicizante não tem sen-

tido e seria contra o objetivo mesmo da Palavra de Deus" (C. Mesters, **A concepção bíblica da Palavra de Deus**, em REB 29 (1969)30).

O que, pois, faz a Bíblia atual, é sua capacidade de nos colocar no horizonte da fé; nele podemos ver Deus em todas as coisas, falando várias línguas, revestindo-se de várias formas culturais e hoje dirigindo-se a nós sob os apelos que nos vem do mundo técnico, secularizado e pluralista no qual vivemos. Há uma diferença entre a Bíblia e nós; a compreensão do mundo é diferente, a língua é diferente e os meios literários de expressão são diferentes. Mas isso não é importante. O importante é o atual da Bíblia reside na identidade que vigora entre ela e nossa vida: é o mesmo Deus que falou lá e fala aqui; é o mesmo Mistério que lá e aqui se anuncia; é o mesmo Inefável que lá e aqui se comemora. Poder ver essa identidade, poder celebrá-la na veneração e na unção, isso é fruto da fé.

Sem fé, a Bíblia é um livro opaco e arcaico. Na fé, constitui a epopéia dos homens na aventura jovial com Deus.

Por isso, um tipo de fé que se volta apenas para fatos passados, não possui nenhuma atualidade e nenhuma presença. Sua dimensão é o passado. Faz da fé arqueologia e da Bíblia um arquivo de velhas verdades. Mas fé que se volta sempre para o presente, vê o presente no passado e lá descobre Deus e Jesus Cristo ressuscitado, essa é a fé bíblica e a fé cristã.

4. Conclusão:

Como transpareceu nesta pequena exposição, a Bíblia, no fundo, testemunha não muitos mistérios, mas o único e radical mistério que é o mistério de Deus. Ela testemunha Deus que cria, que liberta, que castiga, que ama, que sempre anda com o homem, que promete e que cumpre, que se abre para o futuro e nos espera no amanhã de nossa vida, Deus que se auto-doa totalmente ao homem e se chama Jesus Cristo e que se revela na sua intimidade e se chama Pai, Filho e Espírito Santo. Diante desse mistério, sempre velho e sempre novo e por isso eternamente atual, re-aciona a Bíblia. Mas não só a Bíblia, mas todos nós também, a partir do momento que experimentamos nossa impossibilidade de realizarmos exaustivamente a ânsia de plenitude que nos devora a vida, a partir do momento que sentimos os limites de nosso saber científico, incapaz de articular de forma absoluta a realidade. Quando percebemos que essa é a condição humana, a acatamos jovialmente, a colhemos graciosamente e balbuciamos timidamente o nome Deus para o Mistério e com isso dizemos, Pai-Amor, Filho-Libertação, Espírito Santo-união e total reconciliação, então respiramos a atmosfera daquilo que chamamos fé cristã e bíblica.

Toda a realidade é um livro aberto que fala de Deus. Na nossa alienação e na nossa cegueira não vemos a referência

tudo guarda com o mistério. O pecado obnubilou nossos olhos. Estrçalhou o livro, diluiu as palavras e esparramou confusamente as sílabas. O livro da Escritura nos foi dado, assim pensava o grande místico medieval S. Boaventura, para que pudéssemos recompor o livro, da vida. reunir as sílabas, formar as palavras e lermos as magnalia Dei no vasto âmbito da criação. Daí: mais importante que a Bíblia é a vida e o homem, para os quais a Bíblia foi dada, como instrumento na descoberta de Deus. Cristo é o livro escrito por dentro e por fora. Sua vida e sua pessoa eram a própria palavra de Deus encarnada nas nossas palavras humanas. Quem o lia, lia Deus, quem o ouvia ouvia o Inefável.

Todos estamos escrevendo com vida, a nossa Bíblia, porque estamos, bem ou mal, testemunhando, na fé, o mesmo Mistério de sempre. No fim veremos se as páginas de nossa vida foram inspiradas ou se foram uma voz a mais no vozerio humano. O assustador hoje não reside tanto nos que negam a Palavra de Deus. Inquietante é o número daqueles que tem em suas mãos a Bíblia e em seus lábios suas sagradas palavras, mas não procuram o Deus do qual falam os textos santos, dentro da vida e da nossa cultura. Ele está hoje também se auto-comunicando e convocando. Urge não endurecer nossos corações. Mas atentos ficarmos na escuta silenciosa. Porque Ele vem, Ele vem, cada vez, uma só vez.